

Cosmópolis

mobilidades culturais às origens do pensamento antigo

**Gabriele Cornelli, Maria do Céu Fialho
e Delfim Leão
(coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

O SERTÃO PARA ALÉM DO SERTÃO: ANTROPOLOGIA DO HOMEM
ITINERANTE. UMA LEITURA DO *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* DE
JOÃO GUIMARÃES ROSA¹

(The “Sertão” beyond “Sertão”: anthropology of the traveling man. A reading
of the *Grande Sertão: Veredas* by João Guimarães Rosa)

MIRIAM CAMPOLINA DINIZ PEIXOTO (mcdpeixotobh@gmail.com)
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: O itinerário de Riobaldo Tatarana nas veredas do *Grande Sertão* é, antes de mais nada, um itinerário interior pelas sendas e impasses nos quais se entrelaçam os eventos implicados na construção de si mesmo. Em encontros e desencontros, andanças e derivas que se sucedem, delineiam-se os desafios implicados na construção do homem que Riobaldo irá se tornar. Nos bastidores de sua história, uma antropologia vai sendo subliminarmente desenhada. Neste processo, o sertão é a cena na qual se desenrola o enredo, mas também o parceiro, o *alter ego* e, enfim, o território interior a ser percorrido como no rito de muitas passagens.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia; cosmologia; Guimarães-Rosa; Sertão

ABSTRACT: The journey of Riobaldo Tatarana in João Guimarães Rosa’s *Grande Sertão: Veredas* is, above all, an inside journey across the paths and deadlocks in which the events, implicated in the construction of the character himself, are interwoven. Amongst meetings, disagreements and wandering drifts that successively happen, the challenges - involved in the construction of the person that Riobaldo will later become - are outlined. In the backstage of his history, an anthropology will gradually and subliminally come into existence. In this process, the “sertão” is the scenario in which the plot develops, but is also a partner, the *alter ego*, and, finally, the inner territory that is to be crossed as in a rite of many passages.

KEYWORDS: Anthropology; Cosmology; Guimarães-Rosa; sertão

O *Grande Sertão: Veredas*², romance épico do escritor mineiro João Guimarães Rosa (1908-1967), é uma obra cujo enredo se constitui no emaranhado das encruzilhadas e travessias que configuram a epopéia humana. A narrativa se exerce como um ato de compreensão, como uma viagem pelas veredas da memória

¹ Neste texto tentamos mostrar quão fértil pode se revelar para a *interrogatio* filosófica a frequentação dos clássicos da literatura, e em que medida eles podem oferecer um rico material ao pensamento, interperando de modo denso e profícuo os que são acometidos pelo *pathos* filosófico.

² Rosa, J. G. *Grande Sertão: Veredas*. 19a edição, 8a impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Primeira edição: 1956. Todas as passagens desta obra serão indicadas pelas iniciais “GSV” do título, seguidas da página em que se encontra na edição *supra*.

em busca da efetividade do vivido, o que de fato somente pode acontecer, no âmbito de uma *filosofia do ser-tão*, graças à mediação da narrativa. Entretanto, falar de uma *“filosofia do sertão”* poderia soar estranho³. Tão estranho quanto poderia soar qualquer projeto de circunscrição espacial e temporal da filosofia, ou uma regionalização dos seus objetos. Afinal, o pensamento filosófico almeja o que-é-sempre, mesmo quando se apraz em pensá-lo em sua expressão no fluxo das coisas que devêm. Assim ocorre, como notou Campos, com a narrativa Roseana, que se apresenta como “um fluxo contínuo, sem pausa, um só fôlego, riororrente” (Campos, 1991: 327). Aquilo sobre o que ela se propõe a discorrer escapa e não escapa no fluir do vivido feito narrativa, e encontra sua subsistência, sua constância, no ato mesmo de rememorar, de narrar. A memória atua neste processo como o fio com o qual se tece a continuidade, como um elo que faz aparecer o sentido, que traz em si a força da revelação que confere efetividade ao vivido.

O objeto do pensamento filosófico não conhece fronteiras nem limites territoriais e temporais que não sejam aqueles estabelecidos pela criação de conceitos. E é precisamente por *ser tão* universal que o “sertão”, objeto deste romance-épico, cosmo que se erige em topos de uma reflexão sobre o mundo e sobre o homem, implode os limites e os contornos da geografia física⁴ e humana. Guimarães Rosa elaborou, sob a forma de uma prosa poética, uma instigante interrogação filosófica a um só tempo cosmológica, ontológica e antropológica. Ao diluir as fronteiras do sertão e confundi-lo com as “fronteiras” do humano, ele confere ao primeiro o caráter de um não lugar, afirmando sua efetividade na sua onipresença. Albuquerque Júnior descreve como se segue a onipresença do sertão:

³ Para S. Viegas, “no *Grande Sertão: Veredas* encontramos uma expressão poética em vários aspectos análoga à que gestou a reflexão filosófica ocidental”, o que se pode notar de modo mais claro no valor que assume nesta obra a palavra enquanto topos de reflexão: “a dimensão metafísica da palavra, na obra de Guimarães Rosa, supõe um esforço poético-filosófico de pensar a realidade e de intuir o valor significativo da palavra para além de qualquer padrão rígido de racionalidade.” (Viegas, 1985: 348).

⁴ Apesar de indicar, no mais das vezes, a região nordeste do Brasil, a palavra sertão se refere em sua origem a uma região afastada da cidade, distante e com pouca densidade populacional. Na época colonial o termo se referia ao interior do país. Formada, provavelmente do verbo latino *sero, is, serui, sertum, serere*, «ligar com fio, tecer, juntar, atar», e conexo a *serta, orum*, «termo de botânica em Plínio e com sermo, onis, «modo de expressão, linguagem, conversação», ela pode ainda estar relacionada com o verbo latino *desero, is, deserui, desertum, deserere*, «destacar-se, soltar-se, desertar», donde *deserção, desertado e deserto*, entre outros, foi empregada pelos Portugueses para denominar o semi-árido em virtude das suas condições climáticas. Com a repetição do «de», passou a ser chamado «de sertão». Ou poderia ainda ser referido à palavra «sertã», que significa frigideira, geralmente rasa e larga. Conhecendo a erudição linguística do autor do *Grande Sertão: Veredas*, e o seu gosto pela exploração das palavras, não é impossível imaginar que tenha tido presente este conjunto de sentidos ao construir sua obra tomando por cenário e por cena um termo tão rico em possibilidades e consequências.

O sertão, para Rosa, é surpreendente, é quando menos se espera. Se alguém o empurra para trás, ele volta a rodeá-lo. Do sertão não se tem escapatória, pois ele está incrustado na pele e na alma de cada um. Quando se tenta dele fugir, quando menos se espera ele vem à tona, para vergonha de muitos. A cidade ou a cidadania não parecem ser antídotos para o sertão. Ele nunca dá notícia, vem em segredo, meio mole, por baixo, em movimentação que não se percebe, constante, liberdade. Todos que malmontam no sertão só alcançam de ranger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela. O sertão pouco a pouco se vai obedecendo a ele, ingovernável. Mesmo aqueles com casca de cidade e de civilização, quando procuram o sertão não o acham. Mas, quando menos esperam, ele se estremece debaixo de cada um, sem acenar para ninguém às claras. Ele vem e estoura a roupa enfatuada, deixando aparecer botas, esporas e relhos, que se julgavam aposentados para sempre. Façam o que queiram ou o que não queiram vão estar sempre com em cima do sertão, mesmo que viagem constantemente para Miami ou tenham cursado doutorado na Sorbonne, em Paris. Sertão vem e volta, não adianta dar as costas, eterno retorno, tempo em espiral, redemoinho no meio mundo, o passado no futuro, futuro passado. (Albuquerque Júnior 2009: 199).

É partindo de um breve exame deste “território sem limites” que ensejamos tecer algumas considerações que poderão nos proporcionar uma melhor compreensão do cosmo do escritor. Motivados pela leitura que fizemos recentemente da obra de Guimarães Rosa, e seguindo os passos e os percalços da travessia de Riobaldo Tatarana, pretendemos acenar para alguns dos elementos através dos quais é possível entrever aí os traços de uma antropologia filosófica. No entrar e sair de cena dos muitos personagens da trama, na diversidade de caracteres e de tipos humanos, mas principalmente na metamorfose do protagonista, assistimos a uma insistente interrogação acerca da natureza humana. Na figura de Riobaldo, no doloroso e lento processo de maturação do Jagunço “Taturana” até vir a se tornar o aclamado “Urutu Branco”, chefe da jagunçada, acompanhamos o seu percurso de aprendizagem, as venturas e desventuras nos confrontos com o outro e consigo mesmo, no enfrentamento de seus mitos e medos implicados no desenvolvimento humano.

REBULINDO COM O SERTÃO

Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo.
(GSV, p. 216)⁵

O Sertão é objeto de reiteradas perguntas e ensaiadas respostas ao longo da obra. Noção bastante plástica, ela se reformula a cada passo, num processo

⁵ Indicaremos pelas iniciais “GSV”, seguidas do número da página, as passagens extraídas do *Grande Sertão: Veredas*, obra de João Guimarães Rosa, que é o objeto de análise neste texto.

de elaboração que se confunde com aquele da própria reflexão sobre si mesmo. Como o “inominável”, que padece um sem fim de denominações antes de ter seu nome pronunciado com todas as letras que lhe identificam, o “sertão” também é palco de muitas tentativas de nomeação, “o sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga” (GSV, p. 702), o que revela sua plasticidade e irredutibilidade às denominações simples e definitivas.

Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. (GSV, p. 35).

Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada. Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta. (GSV, p. 149).

Ah, mas, no centro do sertão, o que é doideira às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo! (GSV, p. 401).

Rebulir com o sertão, como dono? Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela. Eu sabia, eu via. Eu disse: nãozão! Me desinduzi. (GSV, p. 533).

“O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado...” – ele seo Ornelas dizia. – “O sertão é confusão em grande demasiado sossego...” (GSV, p. 649).

E, mesmo – porque a chefe não convém deixar os outros repararem que ele está ansiando preocupação incerta – tive de indagar leixo, remediando com gracejo diversificado: – “Mano velho, tu é nado aqui, ou de donde? Acha mesmo assim que o sertão é bom?...” Bestiaga que ele me respondeu, e respondeu bem; e digo ao senhor: – “Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano!: – ... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo.” (GSV, p. 748).

O sertão é objeto de uma qualificação que, se no primeiro grupo de passagens parece dizer respeito apenas a um espaço exterior, no segundo vai se revelando em sua consistência própria. O sertão é “conforme o senhor mesmo”, assevera o cumpadre Quelemém.

Vejamos algumas outras passagens que nos fornecem material para a compreensão do que seja o sertão em suas parecências. Em algumas destas passagens, encontra-se em questão a sua natureza de difícil determinação, para cuja expressão se recorre ao expediente que consiste em evocar sua incomensurável extensão e sua difícil apreensão pelas malhas do conceito.

Sertão, – se diz –, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. Mas, aonde lá, era o sertão churro, o próprio, mesmo. Ia fazendo receios, perfazendo indagação. (GSV, p. 542).

O sertão não chama ninguém às claras ; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente... E – mesmo – possível o que não foi. O senhor talvez não acha? (GSV, p. 749).

Veredas. No mais, nem mortalma. Dias inteiros, nada, tudo o nada – nem caça, nem pássaro, nem codorniz. O senhor sabe o mais que é, de se navegar sertão num rumo sem termo, amanhecendo cada manhã num pouso diferente, sem juízo de raiz? Não se tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve. Isto é assim. Desde o raiar da aurora, o sertão tonteia. Os tamanhos. (GSV, p. 445).

Artezinha. Sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gai-vota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas... (GSV, p. 825).

Vai viagens imensas. O senhor faça o que queira ou o que não queira – o senhor toda a-vida não pode tirar os pés: que há-de estar sempre em cima do sertão. O senhor não creia na quietação do ar. Porque o sertão se sabe só por alto. Mas, ou ele ajuda, com enorme poder, ou é traiçoeiro muito desastroso. (GSV, p. 764).

E entendi que podia escolher de largar ido meu sentimento: no rumo da tristeza ou da alegria – longe, longe, até ao fim, como o sertão é grande... (GSV, p. 805).

A partir desse conjunto de passagens, é possível compreender que o sertão não é apenas o cenário no qual se desenrola a trama, mas ele se confunde também com a existência mesma de cada um de seus personagens – *topoi* do sertão – e, mais particularmente, com seu personagem central. O sertão compreende o espaço e o tempo, e toda forma de existência possível, algo como um sinônimo de cosmo, conjunto que abrange tudo que é e que devém, palavra-elo que conjuga em si o todo da existência. Ao mesmo tempo, o sertão nos escapa, e como num jogo de esconde-esconde, apenas se deixa entrever⁶. Além disso, como observou Viegas, o sertão é reiteradas vezes associado ao nada ou ao inapreensível: “É significativa, sob este aspecto, a reincidência de associações do sertão com vazio, não-ser, infinito, ambiguidade, carência. Dentro de seus limites, o sertão é uma imensa nebulosa, nele ‘tudo cabe’, ele ‘está em toda parte.’” (2009: 357).

No sertão, o ciclo das estações, os “estados de humor” dos eventos atmosféricos, o contraponto dos acidentes geográficos, o suceder-se de dia e noite, a segura sórdida que se transforma em torrencial chuva, tudo se presta a evocar os estados de ânimo dos personagens, as muitas máscaras através das quais a variegada natureza humana se desvela. Medeiro Vaz, Joca Ramiro, Zé

⁶ Como não pensar no fragmento do filósofo de Êfeso ao referir-se a Apolo? « O Senhor, de quem o oráculo se encontra em Delfos, nem diz nem esconde, mas dá sinais. » (DK 22B93).

Bebelo, Hermógenes, Alaripe, Quelemén..., são alguns dos personagens cujo variegado caráter serve a evidenciar a polifônica e multifacetada natureza humana. A personalidade de cada um deles constitui um dos aspectos que virão a integrar a personalidade de Riobaldo quando enfim assumirá sua identidade de Urutu-Branco.

O sertão é como um outro de si mesmo. É, ao mesmo tempo, o grotão interior a ser atravessado e transposto, num movimento de catábase e anábase. Sertão que se perceberá, no avançar das suas muitas elocuições, e se confunde com o próprio “sertanejo” que busca, em meio a esta paisagem, ao mesmo tempo exterior e interior, tão somente ser, *ser-tão*. O sertão é, enfim, o território interior no qual se processa, em cada um dos seus meandros, os vários ofícios de um rito de muitas passagens, como a terra a ser lavrada, singrada e rasgada no rompante de um doloroso e lento parto.

NARRANDO SE VIVE.

A narrativa errante de Riobaldo espelha a errância de uma enquete sobre si mesmo, de uma busca em que se tem que lidar com um objeto escorregadio e refratário à redução e à fixidez.

Riobaldo reconhece a dificuldade inerente à narrativa do vivido, mas também seu caráter imperativo quando se quer conferir efetividade e sentido a esse vivido:

Sei que estou contando errado, pelos altos. (GSV, p. 115).

Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. (GSV, p. 116)

...não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco caroço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a ideia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. As vezes não é fácil. (GSV, p. 192).

O ato de narrar salteado, aos trancos e barrancos, parece ser a forma possível de lidar com o vivido, de revirar o baú da memória⁷. Encontra-se uma peça aqui, outra acolá, e neste recolher de elementos, de fragmentos de vida e de lampejos de memória, vão sendo entretecidas as lembranças que dão forma e

⁷ Para Viegas, no *GSV*, a narrativa se traduz no ato de vivificar o vivido pelo recurso à memória: “o desvelamento do *logos* acompanha o tempo da narrativa. Submete-se a um processo, ao devir (travessia) do narrador, ao seu curso interior pelas veredas da memória, desdobrando-se em momentos: o desabrochamento da consciência no mundo cósmico e no mundo humano é discursivo, possui um caminho (*métodos*) que não é conceitual, e esta discursividade do poético é o que existe de filosófico no relato de Riobaldo. (Viegas 2009: 344).

ressignificam o vivido. E, neste movimento, o pensamento mais cria e recria do que rememora, pois o que parece interessar não é tanto a « verdade » dos fatos, mas suas reverberações e o sentido que se lhes pode atribuir e instituir neste consórcio de memórias. Como observa o velho jagunço na enunciação de sua história, o que ele pretende não se circunscreve aos limites territoriais do que é a vida dos homens do sertão, espaço geograficamente demarcado. Riobaldo adverte que o que está contando « não é uma vida de sertanejo (...) mas a matéria vertente » (GSV, p. 116).

O narrador caracteriza a sua rapsódia como uma narrativa miúda (GSV, p. 232), que não aspira mais que “descrever”, sem pretensão de “anunciar valor”. Com isso ele pretende decifrar nas coisas e nos eventos o que neles há de significativo (GSV, p. 116), ficando à margem de toda linearidade objetiva. Como observara J.-P. Bruyas, “seja no nível da existência (a do homem Riobaldo), seja no da ideologia (a que se pode deduzir do livro), não encontramos nada em *Grande sertão* que não seja duplo, antagônico, que não tenha a marca da divisão, da ambiguidade, talvez da dilaceração” (Bruyas 1983: 470).

“Que isso merece que se conte ?”, interroga-se Riobaldo. A narrativa se impõe como lugar possível de significação do vivido.⁸ Contar é uma forma de compreender o que não se sabe, de mitigar ignorâncias:

Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. (GSV, p. 116)

Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba. (GSV, p. 245)

Falar do que não se sabe, embora sabidamente vivido, é uma forma de produzir saber acerca do não sabido, um entendimento, escavando os campos gerais das lembranças. A memória se encontra dispersa, fragmentada: “Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data” (GSV, p. 116), “de tudo não falo” (GSV, p. 116). O outro, que escuta, desempenha neste contexto um papel fundamental: “o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda” (GSV, p. 116). E para tanto, não lhe será necessário uma narrativa linear e detalhada, pois o que interessa é a vida que se

⁸ É também o que parece dizer Cordeiro: “Nesta trajetória, o sujeito Riobaldo é o que vai se desvelando no desenrolar da sua história. Não é algo previamente constituído, mas sim algo que vai sendo, que vai acontecendo. Enquanto o que narra a sua própria história, Riobaldo não conta simplesmente fatos e acontecimentos passados. Ele descreve o próprio constituir-se de sua realidade. Mas, como o que narra, ele não se encontra fora da história que está sendo descrita. Como o que está vivo ele é tomado, é transformado por seu dizer, pois, ao narrar, ele também é o que se deixa mostrar, o que aparece, o que se desvela tornando-se sujeito e objeto da sua narração.” (Cordeiro 2008 : 105).

equaciona no tecido do lembrado vertido em discurso: “Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho.” (GSV, p. 232). Riobaldo quer saber de Riobaldo, quer compreender como pode uma Tatarana, a custa de uma longa metamorfose, converter-se num Urutu Branco.



Figura 1: Tatarana ou Taturana



Figura 2: Urutu Branco

Os ditames da narrativa de Riobaldo são antes de mais nada afetivos, e revolvem a existência objetiva das coisas sob o signo da lembrança. “Para mim”, adverte Riobaldo, “o que vale é o que está por baixo ou por cima – o que parece longe e está perto, ou o que está perto e parece longe” (GSV, p. 245). Para Hansen, Riobaldo “tenta dizer o valor e o sentido da experiência passada”:

Riobaldo produz imagens dos buracos e acidentes do lembrado em enunciados provisórios do que supõe ser, no presente em que fala, o significado que a imaginação lhe sugere ter sido o significado das suas sensações. Mas o tempo corroe a unidade da experiência do passado. O que pode dizer sobre ela é a sua reverberação em imagens parciais e deformantes, pois o movimento do tempo o faz devir outro. (2007: 46).

Tempo e espaço retiram sua consistência das experiências que uma vez vividas são efetivadas e ressignificadas pela alquimia da lembrança e da palavra.

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. (...) De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. (GSV, p. 115 -116).

Ações? O que eu vi, sempre, é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo. (GSV, p. 194).

E assim, no ir e vir intempestivo e atópico do discurso, tem lugar a incursão pelas veredas do vir a ser humano. Mas o que interessa ao narrador não é apenas o consumir-se do vivido nem do narrado, o seu termo, mas a travessia, ela própria proporcionada pela “costura” da narrativa. Afinal, sentencia Riobaldo: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.” (GSV, p. 80). Uma travessia que não acontece menos no “redemunho” do pensamento, das reflexões e inflexões, que nos deslocamentos territoriais; não menos nos combates interiores, na gestão dos afetos e desafetos, que nas encruzilhadas e emboscadas. E é a própria obra de plasmação e de gestação do humano, este infundável trabalho de Sísifo, que se encontra em obra no curso da travessia.

“O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.” (GSV, p. 39).

A metamorfose de Riobaldo Tatarana em Urutu Branco, o que se dará pouco a pouco ao longo de sua travessia do sertão, resulta, antes de mais nada, do itinerário interior que se perfaz nos seus dilemas interiores, nas reverberações subjetivas dos eventos que o rodeiam. Encontros e desencontros, andanças e derivas, toda sorte de desafios, todos esses implicados na construção de um “eu” que se descortina a cada linha da narrativa. Nos bastidores da travessia de Riobaldo, ou nas entrelinhas do pensador-escritor Guimarães Rosa, é possível entrever o que julgamos ser os contornos de sua concepção de homem. Uma antropologia que pensa o homem como um ser itinerante, mutante, ambíguo, enredado em sucessivas e infundáveis metamorfoses ao longo de suas baldeações.

HOMEM? SERTÃO.

Examinemos, em seguida, alguns dos *topoi* nos quais se desvela a trama do humano na “topografia” das veredas e encruzilhadas da travessia de Riobaldo. Queremos ver de que modo se estabelece a conexão homem-mundo,

jagunço-sertão. Queremos saber o que Riobaldo quis dizer ao identificar o jagunço ao sertão em resposta à sua própria pergunta: “O senhor pergunte: quem foi que foi o jagunço Riobaldo?” (GSV, p. 439). Ele precisa saber quem ele realmente é. Para tanto terá que considerar os juízos dos que lhe são próximos, pois o olhar do outro, sua percepção, é também matéria para o auto-conhecimento: “Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente.” (GSV, p. 436).

O sertão é dentro e é fora. Fruto do sertão, Riobaldo traz consigo o sertão que lhe gerou. O sertão é origem e termo da existência, e na sua indeterminação nos faz pensar no sentido que é atribuído ao *apeiron* na sentença de Anaximandro: “Anaximandro ... disse... princípio das coisas que são [é] o indeterminado ... a partir de onde a origem é para os seres, e a corrupção para os mesmos vem a ser...” (DK 12B1). Coisa semelhante dirá Riobaldo do sertão: “O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê minha narração?” (GSV, p. 840).

Uma vez que reconhece no sertão a sua origem, torna-se imperativo para o jagunço apoderar-se dele: “A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro... Agora perdi. Estou preso. Mudei para adiante! Perdi – isto é – por culpa de má-hora de sorte; o que não creio.” (GSV, p. 392).

O dilema está posto: ou bem se estabelece os limites do sertão, ou bem se concede que os contornos do humano são os mesmos do sertão. Um sertão que não conhece nem anterioridade, nem posteridade, uma vez que sua existência é aquela sempiterna do que é, de quem é ... sendo por isso mesmo *tão ser*. O sertão se revela assim em suas dimensões cósmicas. Afinal, como diz Riobaldo, “o sertão é do tamanho do mundo”. A passagem abaixo ilustra tal proposição:

Sertão velho de idades. Porque – serra pede serra – e dessas, altas, é que o senhor vê bem: como é que *o sertão vem e volta*. Não adianta se dar as costas. Ele *beira aqui, e vai beirar outros lugares, tão distantes*. Rumor dele se escuta. Sertão sendo do sol e os pássaros: urubu, gavião – que sempre voam, às imensidões, por sobre... Travessia perigosa, mas é a da vida. *Sertão que se alteia e se abaixa*. Mas que as curvas dos campos estendem sempre para mais longe. Ali envelhece vento. E os brabos bichos, do fundo dele... (GSV, p. 777-778; grifos nossos).

Vemos aqui evocados os aspectos de ordem temporal e espacial que exprimem a onipresença espaço-temporal do sertão, o fato de que dele não se escapa porque ele segue sendo com cada coisa que é. O seu fluir incessante envolve tudo no vai e vem que não conhece termo. A peleja da vida, “cheia de passagens emendadas” (GSV, p. 235), só se conclui com a conclusão mesma da vida, e para cada homem com a consumação da sua existência.

Se acordou, bem o digo. Cada dia é um dia. E o tempo estava alisado. Triste é a vida do jagunço – dirá o senhor. Ah, fico me rindo. O senhor nem não diga nada. “*Vida*” é noção que a gente completa seguida assim, mas só por lei duma idéia falsa. Cada dia é um dia. (GSV, p. 568).

Baixei, mas fui ponteando opostos. Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? *A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado...* (GSV, p. 237).

A vida da gente nunca tem termo real. (GSV, p. 862).

A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado noutra galho. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para de lá tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. (GSV, p. 85).

A noção de vida constitui um dos temas importantes do *GSV*. Vida “é noção que a gente completa”, “é ingrata no macio de si” e “nunca tem termo real”! O sertão é vida, e viver é algo perigoso: “O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo.” (GSV, p. 840⁹). Para Schuller, “viver é perigoso porque o homem está colocado em todos os momentos à beira de um abismo, à beira do nada que é sua insistente tentação”. (SCHÜLER, 1991, p. 369). A travessia exige um ato de coragem, em que é preciso abismar-se, precipitar-se na vida.

A história de Riobaldo deixar de ser a história de um homem particular, jagunço encerrado nas veredas de um sertão qualquer, para assumir o lugar de uma reflexão sobre o homem universal em seu incessante vir-a-ser, em suas muitas travessias e impasses, ao longo e diante dos quais ele vai perceber que o objeto de sua busca não se encontra nem no início nem no termo, mas no meio da travessia. Estamos diante de uma afirmação do durante em que o antes e depois só encontram sua efetividade enquanto memória e narração do vivido.

No lapso de tempo que separa e conecta o vivido e o narrado, o homem percebe sua existência como o fio que costura temporalidades. Ao lado da

⁹ Esta é uma das expressões mais recorrentes ao longo da narrativa. Várias são as suas modulações, como, por exemplo, “O senhor sabe o perigo que é viver...” (GSV, p. 35).

ambiguidade temporal que se instaura no fluxo da memória, dá-se conta do seu ser e do seu dever:

O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui – porque não sou, não quero ser. Deus esteja ! (...) Eu não era eu. Respirei os pesos. (...) Eu comecei a tremeluzir em mim. (...) O que eu agora queria ! Ah, acho que o que era meu, mas que o desconhecido era, duvidável. Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia. (GSV, p. 166, 246, 303, 318)

As “veredas” são as sendas pelas quais e nas quais o sertão se descortina, assim como as paixões delimitam o terreno no qual se deverá travar o combate interior na busca por si mesmo. É o que constatamos ao examinar uma das paixões que constitui o inimigo mas decisivo a ser vencido por Riobaldo em seu rito de passagem : o seu próprio medo. Como dizia o ainda menino Reinaldo-Diadorim: « Carece de ter coragem ». Em sua travessia interior, Riobaldo terá que descer no mais profundo de si mesmo, lá onde se trava o combate entre a emoção e a razão, entre a reflexão e a ação, entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo.

Ao percorrer a narrativa através da qual se surpreende as metamorfoses de Riobaldo, vemos desfilar os mais diferentes feitios de chefe. De cada um deles um traço será extraído e incorporado à conformação do chefe em formação. Com efeito, aquela que será sua personalidade se gesta no entrecruzamento das distintas e extravagantes personalidades dos vários chefes com que convive ao longo do seu itinerário.

“Jagunço é homem já meio desistido por si...” (GSV, p. 67), diz Riobaldo, “não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. ” (GSV, p. 32-33) ; « pelo que é, quase que nunca pensa em reto” (GSV, p. 291) . « Lei de jagunço é o momento, o menos luxos. » (GSV, p. 375). A passagem seguinte se presta bem a caracterizá-lo:

Esbandalhados nós estávamos, escatimados naquela esfrega. Esmorecidos é que não. Nenhum se lastimava, filhos do dia, acho mesmo que ninguém se dizia de dar por assim. Jagunço é isso. Jagunço não se escabreia com perda nem derrota – quase que tudo para ele é o igual. Nunca vi. Pra ele a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar, e o fim final. E todo o mundo não presume assim? Fazendeiro, também? Querem é trovão em outubro e a tulha cheia de arroz. Tudo que eu mesmo, do que mal houve, me esquecia.

Muito antes, pelo contrário... «jagunço amolece, quando não padece.» Sua vida é regida pelo sentimento de provisoriedade:

O que me dava a qual inquietação, que era de ver: conheci que fazendeiro-mor é sujeito da terra definitivo, mas que jagunço não passa de ser homem muito provisório. (GSV, p. 589).

Ao apresentar assim o *ethos* do jagunço, Riobaldo toma distância de si mesmo para melhor se observar, o que lhe é possibilitado pela distância temporal que separa o vivido da vívida memória, do revivido e, logo, efetivado na e pela narrativa. E este tempo da narrativa se torna mais real que o tempo em que os fatos teriam se desenrolado.

Ao longo de todo o texto, Riobaldo se encontra confrontado com a dúvida. Era de fato ou não um jagunço? Ele se julga não plasmado para tal ofício. Na passagem seguinte vemos expresso o seu estranhamento diante das atividades dos jagunços, como se ele próprio não fosse um deles. Fala deles na terceira pessoa. E confessa sua hesitação diante do seu feitio de vida.

Entendi o estado de jagunço, mesmo assim sendo eu marinheiro de primeira viagem. Um dia, agarraram um homem, que tinha vindo à traição, espreitar a gente por conta dos bebelos. Assassinaram. Me entristeceu, aquilo, até ao vago do ar. O senhor vigie esses: comem o cru de cobras. Carecem. Só por isso, para o pessoal não se abrandar nem esmorecer, até Só Candelário, que se prezava de bondoso, mandava, mesmo em tempo de paz, que seus homens saíssem fossem, para estropelias, prática da vida. Ser ruim, sempre, às vezes é custoso, carece de perversos exercícios de experiência. Mas, com o tempo, todo o mundo envenenava do juízo. Eu tinha receio de que me achassem de coração mole, soubessem que eu não era feito para aquela influência, que tinha pena de toda cria de Jesus. (GSV, p. 235).

Em muitos momentos Riobaldo resiste, ele tenta escapar à execução de algumas ações e expedientes que lhe caberiam executar, para o que se esforçará em forjar uma razão suficiente para justificar sua relutância em agir. E por várias vezes chega mesmo a cogitar a possibilidade de abandonar o bando. Mas ele agora já se tornara mais que qualquer outro parte dele. Este é desde o início um caminho que desconhece volta.

Saio daqui com vida, deserteio de jaguncismo, vou e me caso com Otacília” – eu jurei, do proposto de meus todos sofrimentos. Mas mesmo depois, naquela hora, eu não gostava mais de ninguém: só gostava de mim, de mim! Novo que eu estava no velho do inferno. Dia da gente desexistir é um certo decreto – por isso que ainda hoje o senhor aqui me vê! (GSV, p. 69).

Se para alguns de seus homens ser jagunço era um destino, um ato da natureza, para Riobaldo isso não parece tão claro assim.

Mas Jõe Bexiguento não se importava. Duro homem jagunço, como ele no cerne era, a idéia dele era curta, não variava. – “Nasci aqui. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jagunceio...” – ele falasse. Tudo poitava simples. Então – eu pensei – por que era que eu também não podia ser assim, como o Jõe? Porque, veja o senhor o que eu vi: para o Jõe Bexiguento, no sentir da natureza dele, não reinava mistura nenhuma neste mundo – as coisas eram bem divididas, separadas. (GSV, p. 308).

O seu dilema lhe acompanha por boa parte da narrativa. Diferente de Jõe, Riobaldo se percebe cindido, incapaz de reunir suas metades como reúne os homens de seu bando. O itinerário comporta mais de uma possibilidade. Para Riobaldo, um homem não nasce Jagunço, mas se torna. Mas uma vez jagunço, não lhe é dada a possibilidade de fugir à sua condição¹⁰ e muito menos, se as circunstâncias assim o determinam, de escapar ao seu destino de se tornar o chefe do bando. E essa será a travessia mais dura a realizar. Caminho árduo e de muitas provas, no qual terá que compreender e vencer o seu principal adversário : o medo.

Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe! (GSV, p. 134).

Trata-se, para Riobaldo, de compreender o modo como nele emerge o medo e de saber como se tornar suficientemente corajoso para enfrentá-lo. Duelo interior do qual depende o bom sucesso da travessia. Em várias passagens este contraste entre o medo e a coragem é objeto das suas cogitações. Quando consegue encarar o medo, não se deixando abater por ele, pode enfim assumir o seu papel na sua história, abraçando assim o seu destino :

Medo mais? Nenhum algum! Agora viesse corja de zebebelos ou tropa de meghanas, e me achavam. Me achavam, ah, bastantemente. Eu aceitava qualquer vuvu de guerra, e ia em cima, enorme sangue, ferro por ferro. Até queria que viessem, duma vez, pelo definitivo. (GSV, p. 171).

O medo é um adversário que precisa ser enfrentado dentro de si mesmo. É preciso, como se diz por aí, pegar o boi pelo chifre, « matá-lo a mão curta ». É preciso superar o medo lá onde ele se materializa. E, assim sendo, é preciso comer seu próprio coração, digerir suas paixões para assenhorar-se delas. E uma vez vencido o medo, é preciso ainda deixar o isolamento, relacionar-se com

¹⁰ Tem um ponto de marca, que dele não se pode mais voltar para trás. Tudo tinha me torcido para um rumo só, minha coragem regulada somente para diante, somente para diante; (...) (GSV, p. 229-230).

com o outro. A primeira expressão da alteridade é subjetiva, e faz-se necessário estabelecer o diálogo entre si e si, uma vez que se sabe habitado por dois : « Eu e eu » (*GSV*, p. 248) ; « Eu era dois, diversos? » (*GSV*, p. 369). Só assim é possível tornar-se inteiro.

Mas, aí, eu fiquei inteiriço. Com a dureza de querer, que espremi de minha sustância vexada, fui sendo outro – eu mesmo senti: eu Riobaldo, jagunço, homem de matar e morrer com a minha valentia. Riobaldo, homem, eu, sem pai, sem mãe, sem apego nenhum, sem pertencências. Pesei o pé no chão, achei meus dentes. Eu estava fechado, fechado na idéia, fechado no couro. (*GSV*, p. 280).

Ninguém se constitui jagunço no isolamento, sem olhar para si mesmo e para os outros. Jagunço se faz é na relação com o outro. Alteridade. Alteridades : da dualidade que nos habita e naquela que nos constitui. Do duelo interior em que as forças e os impulsos contrários se degladiam depende a engenharia dos seus atos. O mesmo se observa no plano exterior, na relação com as forças da natureza que nos rodeiam, com seus « estados de ânimo », intempéries, na topografia ameaçadora de encostas, rios e barrancos. Enfim, na relação com o outro propriamente outro, lugar por excelência no qual o ato de ser jagunço encontra sua efetividade: “Homem é rosto a rosto; jagunço também: é no quem-com-quem.” (*GSV*, p. 220).

Riobaldo precisará, também, vencer a resistência que o impedia de aceitar sua indicação para capitanear os homens de Medeiro Vaz, para o que, ao seu ver, sua natureza não o tinha feito. Não tendo nascido jagunço, teria que aprender a sê-lo. O encontro definitivo de si a si ainda carecia de acontecer.

Eu não queria ser chefe! “Quem capitaneia...” Vi meu nome no lume dele. E ele quis levantar a mão para me apontar. As veias da mão... Com que luz eu via? Mas não pôde. A morte pôde mais. Rolou os olhos; que ralava, no sarrido. Foi dormir em rede branca. Deu a venta.” (...) Tomou-se café, e Diadorim me disse, firme : - “Riobaldo, tu comanda. Medeiro Vaz te sinalou com as derradeiras ordens... Todos estavam lá, os brabos, me olhantes – tantas meninas-dos-olhos escuras repulavam: às duras – grão e grão – era como levando eu, de milhares, uma carga de chumbo grosso ou chuvas-de-pedra. Aprovavam. Me queriam governando. Assim estremeci por interno, me gelei de não poder palavra. Eu não queria, não queria. Aquilo revi muito por cima de minhas capacidades. A desgraça, de João Goanhá não ter vindo! Rentemente, que eu não desejava arreglórias, mão de mando. Engoli cuspes. Avante por fim, como que respondi às gagas, isto disse: - “Não posso... Não sirvo...”

- “Mano velho, Riobaldo, tu pode!”

Tive testa. Pensei um nome feio. O que achassem, achassem! – mas ninguém ia manusear meu ser, para brincadeiras...

– “Mano velho, Riobaldo: tu crê que não merece, mas nós sabemos a tua valia...” – Diadorim retornou. Assim instava, mão erguida. Onde é que os outros, roda-a-roda, denotavam assentimento. – “Tatarana! Tatarana!...” – uns pronunciaram; sendo Tatarana um apelido meu, que eu tinha. Temi. Terçava o grave. Assim, Diadorim dispunha do direito de fazer aquilo comigo? Eu, que sou eu, bati o pé: – “Não posso, não quero! Digo definitivo! Sou de ser e executar, não me ajusto de produzir ordens...” (GSV, p. 95-97).

A passagem acima é um bom exemplar do embate exterior. Primeiramente, o ato da nomeação não chega a seu termo, sendo apenas insinuado pelo gesto interrompido pela morte no chefe Medeiro Vaz. Mas sua intenção encontra fortuna nas palavras de Diadorim e na sua assertividade: “tu pode”, “tu crê que não merece, mas sabemos da sua valia”, ao que o bando assente gritando seu nome. Mas nada pode ainda demover Riobaldo de sua convicção: “não posso”, “não sirvo”, “não quero”, “ninguém ia manusear meu ser”... Não basta que o outro nos diga o que devemos fazer; é preciso que nós próprios tenhamos experimentado sua necessidade. Riobaldo preza a sua autonomia e sabe que somente ele próprio poderia investir-se de tal posto, abraçar seu destino. Sua hora não tinha ainda se apresentado. Somente mais tarde, transcorridos outros tantos trabalhos e dias, e, sobretudo, após ter enfrentado a parte obscura si mesmo, ele viria a suspender em si as reticências e a abraçar o seu destino, assumindo a condição que aos olhos de todos já lhe era mais que natural: Riobaldo, o chefe Urutu Branco.

Foi assim que se deu com Riobaldo, quando enfim se deparou cara a cara, olhos nos olhos, no bem dentro de si mesmo, com o de muitos nomes:

Mas, Ele – o Dado, o Danado – sim: para se entestar comigo – eu mais forte do que o Ele; do que o pavor d’Ele – e lambar o chão e aceitar minhas ordens. Somei sensatez. Cobra antes de picar tem ódio algum? Não sobra momento. Cobra desfecha desferido, dá bote, se deu. A já que eu estava ali, eu queria, eu podia, eu ali ficava. Feito *Ele*. Nós dois, e tornopio do pé-devento – o ró-ró girado mundo a fora, no dobar, funil de final, desses redemoinhos: ... o *Diabo, na rua, no meio do redemunho...* Ah, ri; ele não. Aheu, eu, eu! “Deus ou o Demo – para o jagunço Riobaldo!” A pé firmado. Eu esperava, eh! De dentro do resumo, e do mundo em maior, aquela crista eu repuxei, toda, aquela firmeza me revestiu: fôlego de fôlego de fôlego – da mais-força, de maior-coragem. A que vem, tirada a mando, de setenta e setentas distâncias do profundo mesmo da gente. (GSV, p. 602).

É, enfim, no encontro com o « inominável »¹¹ que acontece sua mais

¹¹ Para Schüller, os nomes pelos quais se denomina o inominável consistiu uma « série vastíssima »: “Sujo, Ocultador, o Cujo, o Tal, o Que-diga, o Não-sei-que-diga, o Que-não-

significativa metamorfose. Se antes ele se recusara a aceitar sua nomeação como chefe, será agora ele mesmo que virá a se impor como chefe do bando, impondo-se assim à autoridade do então chefe Zé Bebelo.

Saí, uns passos. Eu estava dando as costas a Zé Bebelo. Ele podia, num relance, me agredir de morte, me atirar por detrás... – atentei. Esbarrei em meu caminhar, fiquei assim parado, assim mesmo. O medo nenhum: eu estava forro, glorial, assegurado; quem ia conseguir audácias para atirar em mim? As deles haviam de amolecer e retombar, com emortecidos braços; eu podia dar as costas para todos. O que o Drão – o demonião – me disse, disse: seria só? Olhei para cima: pegaram nas nuvens do céu com mãos de azul. Aquela firme possança; assim permaneci, outro tempo, acendido. Eu leve, leve, feito de poder correr o mundo ao redor. (GSV, p. 617).

Neste movimento, Riobaldo vence o seu inimigo mais voraz : o medo. Chefe feito, homem agora inteiro, harmonizando seus « eus », será então aclamado por todos, e mesmo Zé Bebelo não pode se furtar a reconhecer o chefe que estava lhe destituindo de seu posto. E é o próprio chefe deposto quem num ato de nomeação reconhecerá e fará ver a todos que o jagunço Riobaldo Tatarana dera enfim lugar ao chefe Urutu Branco:

- “A rente, Riobaldo! Tu o chefe, chefe, é: tu o Chefe fica sendo... Ao que vale!...” – ele dissezinhos fortemente, mesmo mudado em festivo, gloriando um fervor. Mas eu temi que ele chorasse. Antes, em rosto de homem e de jagunço, eu nunca tinha avistado tantas tristezas. (GSV, p. 625).

Daí, riu, e disse, mesmo cortês: - “Mas, você é o outro homem, você revira o sertão... Tu é terrível, que nem um urutu branco...”

O nome que ele me dava, era um nome, rebatismo desse nome, meu. Os todos ouviram, romperam em risos. Contanto que logo gritavam, entusiasmados: - “O Urutu-Branco! Ei, o Urutu-Branco!...” (GSV, p. 626).

E em contraste com o que dissera antes, quando dizia que jagunço não nasce, mas se torna, é agora com convicção que Riobaldo dirá, num *renversement* de seu propósito anterior, já ter nascido jagunço :

Ah, não, eu bem que tinha nascido para jagunço. (GSV, p. 643).

E se antes não aceitou que lhe impusessem de parte alguma a condição de chefe, será ele próprio que agora assim se denomina. Para Cordeiro, a mudança

fale, o Que não-ri, o Que-nunca-se-ri, o Engracejos, o Tristonho, o Muito-sério, o Austero, o danado, Preto, Cão,”.....A série é vastíssima. Cada nome corresponde a uma manifestação do nada, como ele se apresenta ao Espírito do homem. (Schüller 1991 : 369).

de disposição de Riobaldo reside no fato de que o título de chefe deixou de ser uma determinação extrínseca para se tornar uma decisão pessoal, vinda de si mesmo. Segundo este autor, “o que importa ao herói não é o sucesso ou o fracasso decorrente da sua ação, mas o fato de se comandar desde si mesmo”, razão pela qual “ao se ordenar assim, ele tudo pode, pois não se deixou comandar desde fora”. (Cordeiro 2008: 102). Embora concordemos com Cordeiro, pensamos que é também a capacidade de confrontar-se com a inteireza de sua natureza, com aquilo que há nela de claro e de obscuro, de bem e de mal, desvelando-se a si mesmo, que permite que Riobaldo dê o passo definitivo que lhe tornará capaz de assenhorar-se de si mesmo e, por conseguinte, de assumir o papel de chefe dos jagunços. Neste momento, o ser outrora cindido alcança uma possibilidade de se constituir em sujeito de sua própria existência e prosseguir sua travessia nesta sua nova condição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Riobaldo não é apenas sua, mas a de todo homem. Nela se manifesta a tragicidade da condição humana, condição de um ser que está sempre entre dois. A epopéia trágica de Riobaldo é a *mise en scène* do desafio implicado na construção do homem. Em seu enredo, temporalidade e espacialidade se entrecruzam tecendo a trama da humana natureza. Num só ato, Rosa nos apresenta sua cosmologia e sua antropologia e nos confronta com as questões que desde sempre, das paragens de Ílion às ruas, praças, jardins e pórticos da antiga Grécia, continuam ecoando em cada homem e configuram o horizonte da investigação filosófica de todos os tempos.

Na antropologia que se delineia subliminarmente nas páginas do *Grande Sertão*, temos na figura do jagunço a matéria prima na qual se molda a reflexão sobre a natureza humana, em seus meandros, indagações e incertezas, angústias e medos, remorsos, alegrias e tristezas e toda sorte de paixões que acometem a alma. Tanto quanto os acidentes geográficos que configuram a paisagem do sertão, os combates e aventuras a que neles se entregam os homens dia após dia, marcam o compasso da travessia .

Não se trata, portanto, de uma mera antropologia cultural do sertanejo, de um romance – como pretenderam alguns – “regionalista”, circunscrito a um dado tempo e lugar, mas antes de um longo e abrangente excuro sobre a matéria plástica do humano, o que inscreve a epopéia trágica do *Grande sertão* no horizonte de uma antropologia filosófica. E uma vez que a “matéria vertida” no excuro da narrativa não se resolve no espaço-tempo da cartografia física de uma região geográfica – embora se enriqueça de suas formas e cores –, a pintura do “sertão e de suas veredas” alcança a amplitude e a universalidade de uma cosmópolis construída no discurso.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque Júnior, D. M. (2009), “Quando a gente não espera, o sertão vem: *Grande sertão: veredas*, uma interpretação da história do Brasil e de outros espaços”, *ArtCultura* 11. n. 18: 195-205.
- Bruyas, J.-P. (1983), “Técnica, estruturas e visão em *Grande sertão: veredas*”, in E. Coutinho (org.), *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, 458-477.
- Cândido, A. (1991), “O Homem dos Avessos”, in E. Coutinho (org.), *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, pp ???.
- Cordeiro, R. C. (2008), “O Sertão de Riobaldo: uma leitura a partir de Nietzsche”, *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche* 1 n.1 : 98-106.
- Hansen, J. A. (2007), “Forma, indeterminação e funcionalidade das imagens de Guimarães Rosa”, in A.C. Secchin et al. (orgs.). *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro, 29-49.
- Martins, N. S. (2001), *O Léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo.
- Rosa, J. G. (2001), *Grande Sertão: Veredas*. 19ª edição, 8a impressão. Rio de Janeiro.
- Schüller, D. (1991), “*Grande Sertão – Estudos*”, in E. Coutinho (org.), *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, 360-377.
- Viegas, S. M. (1985), *A vereda trágica do Grande Sertão*. São Paulo. Texto reimpresso em: M. P. Marques (org.) *Sônia Viegas. Escritos. Vol. I: Filosofia viva*. Belo Horizonte, 2009.